



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 12, nº. 1, janeiro-junho, 2015, p. 150-156

THE OXFORD HANDBOOK OF ANIMAL ETHICS

Gabriel Garmendia da Trindade

University of Birmingham
Bolsista CAPES/UoB
garmendia_gabriel@hotmail.com

* * *

BEAUCHAMP, T. L.; FREY, R. G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Animal Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 984.

Equiparável em relevância histórica aos clássicos *Animals, Men and Morals* (1971) e *Animals' Rights: A Symposium* (1979), academicamente tão significativo quanto *Political Theory and Animal Rights* (1990) ou *Encyclopedia of Animal Rights and Animal Welfare* (1998), *The Oxford Handbook of Animal Ethics* (2011) é, sem sombra de dúvida, uma das coletâneas mais importantes já publicadas sobre o campo da Ética Animal.

Editado por Tom L. Beauchamp e R. G. Frey (1941-1912), dois dos mais influentes filósofos da bioética, *The Oxford Handbook of Animal Ethics* é um livro justificadamente extenso. Trinta e cinco artigos compõem as quase mil páginas da obra. São textos altamente sofisticados e complexos que abarcam as diversas temáticas e nuances da Ética Animal, uma área de investigações filosóficas séria, consolidada e fértil.

A análise que se segue, em contraposição ao modelo convencional de escrita desse tipo de resenha, não consiste em múltiplas sínteses dos textos da coletânea. Empregar uma abordagem mais tradicional na apresentação e exame do título proposto não apenas demandaria um espaço muito maior do que o disponível para este comentário, mas também resultaria em demasiada simplificação dos artigos que constituem a obra¹. Alternativamente, esta resenha busca proporcionar aos

¹ Para os interessados em resumos dos artigos da coletânea, sugere-se uma visita ao catálogo virtual da Oxford University Press. O catálogo conta com uma pré-visualização do *The Oxford Handbook for*

possíveis leitores do *The Oxford Handbook of Animal Ethics* um panorama crítico das peculiaridades centrais do livro como um todo.

Por exemplo, é importante frisar que *The Oxford Handbook of Animal Ethics* não é uma obra indicada para iniciantes ou simples curiosos sobre o assunto. Uma observação semelhante é igualmente levantada por Beauchamp e Frey já no prefácio do livro. Pressupõe-se que os leitores tenham um considerável domínio de vários temas-chave da Ética Animal, bem como de alguns dos debates atuais e “*hot topics*” da bioética (como, por exemplo, ‘*human enhancement*’) e filosofia da mente (como, por exemplo, ‘*mindreading*’). Sem esses conhecimentos, a compreensão e interpretação de inúmeros textos podem ficar comprometidas.

Aqueles que possuem maior familiaridade com as questões tradicionais da Ética Animal, por sua vez, imediatamente irão perceber a ausência de muitos nomes consagrados da área no próprio sumário da obra. Embora estejam entre as principais referências bibliográficas dos textos do *The Oxford Handbook of Animal Ethics*, pensadores pró-animais como Peter Singer, Tom Regan, Gary L. Francione, Bernard E. Rollin, Mary Midgley, entre outros, não se encontram entre os colaboradores da coletânea. Deveras, uma boa parcela dos artigos foi produzida por autores que poderiam ser tidos como “secundários” ou mesmo desconhecidos no campo da Ética Animal.

A falta de textos de figuras celebradas, todavia, não deve ser vista como um ponto negativo. Pelo contrário, a abundância de reflexões advenientes de pesquisadores menos famosos é, em realidade, surpreendentemente positiva. A razão disso é que esses autores não só acabam por revitalizar as discussões clássicas da área com perspectivas próprias e ideias originais, mas também trazem à tona um vasto conjunto de tópicos e problemas atuais. Conjunto que dificilmente poderia ser averiguado a partir das propostas ético-filosóficas defasadas e/ou estagnadas de alguns dos escritores mais ilustres. A inovação presente na maioria dos ensaios é, inquestionavelmente, um dos principais méritos do *The Oxford Handbook of Animal Ethics*.

No que concerne à distribuição dos textos, estes estão divididos em seis partes temáticas. Estas tratam, em um sentido geral, dos seguintes tópicos: (I) Ética Animal e a tradição filosófica ocidental, (II) consideração moral dos não-humanos e sistemas éticos, (III) *status* moral e pessoalidade, (IV) capacidades mentais e relevância moral, (V) modificação genética de humanos e não-humanos, (VI) implicações e problemas práticos da Ética Animal.

A primeira parte conta com apenas dois artigos – a mais curta da obra. Os motivos para a sua breve extensão parecem ser óbvios. Ao longo dos últimos anos, numerosas publicações têm sido dedicadas ao mapeamento histórico de teses e perspectivas pró-animais esboçadas nos distintos períodos da tradição filosófica ocidental². É improvável que um curto ensaio possa vir a cobrir adequadamente, por

Animal Ethics na qual é possível ler a longa Introdução escrita por Beauchamp. Nesta, encontram-se sínteses de cada um dos trinta e cinco textos, bem como outros apontamentos sobre a obra. A pré-visualização está disponível em: <<http://ukcatalogue.oup.com/product/9780195371963.do>>. Acesso em 22/12/14.

² Para um dos mais completos e detalhados exames sobre a consideração moral dos não-humanos em múltiplos períodos da tradição filosófica ocidental, veja: STEINER, Gary. *Anthropocentrism and its Discontents: The Moral Status of Animals in the History of Western Philosophy*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2005.

exemplo, os diferentes posicionamentos das múltiplas escolas filosóficas do Período Clássico da Grécia Antiga acerca do lugar destinado aos não-humanos na comunidade moral³. Mesmo assim, ambos os filósofos Stephen R. L. Clark e Aaron Garret, em seus respectivos textos, conseguem lançar luz sobre determinados aspectos do debate concernente à considerabilidade moral dos não-humanos em alguns dos períodos mais obscuros da filosofia ocidental. Enquanto Clark aborda, entre outros assuntos, questões de filosofia patrística, Garret trata dos primeiros anos da filosofia moderna. A despeito de sua breve extensão, essa parte inicial desempenha uma valiosa função para o livro em sua totalidade. Ela analisa e contextualiza, de modo eloquente, as primeiras inquietações filosóficas acerca da intrincada relação moral entre seres humanos e membros de outras espécies. Inquietações essas que deram origem, séculos mais tarde, à chamada Ética Animal.

A segunda parte do *The Oxford Handbook of Animal Ethics* é constituída de seis textos. Estes versam, respectivamente, sobre a consideração moral de não-humanos de acordo com a teoria moral kantiana (mais precisamente, a interpretação de Christine Korsgaard), a ética das virtudes, a filosofia moral humeana, o utilitarismo, a deontologia e a abordagem das capacidades (na visão de Martha Nussbaum). Um dos artigos de destaque é “*Utilitarianism and Animals*”, escrito por R. G. Frey – muito possivelmente uma de suas últimas publicações em vida. Frey foi um dos críticos mais sagazes da ideia de que não-humanos deveriam receber igual consideração moral – algo reservado, no seu entender, apenas a seres humanos autoconscientes e linguisticamente capacitados. Apesar de se descrever como um utilitarista preferencial, Frey reserva esse texto para criticar distintas perspectivas utilitaristas acerca da relevância moral dos membros de outras espécies animais – em especial, os posicionamentos de Peter Singer e Jeremy Bentham. Seguramente, uma análise digna de apreciação. É preciso ser igualmente mencionado que, não obstante sua complexidade e diversidade, essa segunda parte da obra talvez pudesse se beneficiar de mais alguns textos. Por exemplo, exames da importância moral de não-humanos em sistemas ético-filosóficos como o igualitarismo – explorado por autores como Nils Holtug⁴ e Oscar Horta⁵ – e/ou o contratualismo – defendido, sobretudo, por Mark Rowlands⁶ –, certamente enriqueceriam ainda mais o conjunto de ensaios dessa seção.

A terceira parte do livro tem como indagação norteadora a seguinte pergunta: Os animais não-humanos são pessoas morais? A questão da personalidade moral não-humana é uma das discussões mais antigas e polêmicas da Ética Animal, de forma que não poderia deixar de receber uma seção própria. A relação entre personalidade moral, *status* moral, *moral standing* e capacidades mentais é o denominador comum dos quatro textos dessa seção. Infelizmente, salvo “*Human*

³ Para uma discussão acerca das principais posições morais greco-romanas sobre os não-humanos, veja: HARDEN, Alastair. *Animals in the Classical World: Ethical Perspectives from Greek and Roman Texts*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013. Veja também: CAMPBELL, G. L. (Ed.). *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

⁴ Veja, por exemplo, HOLTUG, Nils. *Equality for Animals*. In: RYBERG, J.; PETERSEN, T. S.; WOLF, C. (Eds.). *New Waves in Applied Ethics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007, p. 1-24.

⁵ Veja, por exemplo, HORTA, Oscar. Igualitarismo, *igualación a la baja*, *antropocentrismo y valor de la vida*. Revista de Filosofía, Madrid, v. 35, n. 1, p. 133-152, 2010.

⁶ Veja, por exemplo, ROWLANDS, Mark. *Contractarianism and animal rights*. Journal of Applied Philosophy, v. 14, n. 3, p. 235-247, 1997.

Persons and Nonhuman Animals”, – escrito por Sarah Chan e John Harris – artigo que averigua, parcialmente, o chamado pós-humanismo (tópico consideravelmente atual), nenhum dos outros textos consegue avançar, de maneira visível ou significativa, o debate que intenta travar. Se essa seção também contasse com artigos de pesquisadores de outras áreas (como, por exemplo, Direito Animal ou Teoria Política), talvez ela pudesse instilar novas reflexões acerca dos temas tratados⁷. Do modo como se encontra, todavia, a quarta parte da obra pode ser vista, no máximo, como uma tentativa de explicitar, a partir de perspectivas específicas, alguns dos elementos-chave que envolvem a questão da pessoalidade moral não-humana. Os interessados nessa discussão, por seu turno, podem facilmente obter estudos mais completos e aprofundados em outras publicações⁸.

A quarta parte do livro está diretamente conectada à anterior – algo que ilustra um dos pontos fortes da antologia, a distribuição cuidadosa e precisa de suas seis partes. Os sete textos dessa seção investigam, em maior ou menor escala, a relação entre habilidades psicológico-cognitivas e significância ética – relação esta que fundamenta as várias concepções do que vem a ser uma ‘pessoa moral’, no sentido filosófico da expressão. Memória, linguagem, percepção espaço-temporal, intencionalidade, (auto)consciência, crenças e desejos, sensibilidade moral, etc. Essas são apenas algumas das incontáveis capacidades mentais cuja alegada relevância para a moralidade é perquirida na quarta seção da obra.

Dois textos merecem ao menos uma rápida menção. O primeiro artigo de destaque é intitulado “*Mindreading and Moral Significance in Nonhuman Animals*”. Neste, o filósofo José Luis Bermúdez explora, em detalhes, a relevância ética da habilidade de compreender os estados mentais alheios (em inglês, ‘*mindreading*’), a qual é exibida por humanos e não-humanos (mais notadamente primatas). A análise realizada por Bermúdez estende-se à complicada relação entre linguagem e aquilo que o autor chama de ‘*propositional attitude mindreading*’ – i.e., a capacidade de um indivíduo de representar as atitudes de outra criatura frente a uma proposição. O segundo artigo digno de nota é “*Animal Pain and Welfare: Can Pain Sometimes Be Worse for Them Than for Us?*”. Neste, a bioeticista Sahar Akhtar reflete sobre a ideia frequentemente sustentada de que, em decorrência de uma maior sofisticação cognitiva, os seres humanos são capazes de experimentar dor de forma mais aguda que os membros de outras espécies. Para Akhtar, tal ideia pode não ser tão evidente quanto muitos dos seus proponentes fazem parecer. Em síntese, não apenas eticistas, mas também pesquisadores da filosofia da mente podem encontrar uma fonte inestimável de apreciação filosófica nas mais de duzentas páginas da quarta parte da coletânea aqui examinada.

A quinta parte da antologia é voltada, sobretudo, à investigação da moralidade da modificação genética de membros de outras espécies. Audaciosamente, dois dos cinco artigos dessa seção vão além das problemáticas clássicas sobre alterações genéticas e exploram, por exemplo, a possibilidade de criação de novas espécies, o que inclui, de maneira ainda mais controversa, híbridos

⁷ Para uma das primeiras e mais importantes coletâneas interdisciplinares sobre a questão da pessoalidade dos não-humanos, veja: CAVALIERI, Paola; SINGER, Peter (Eds.). *The Great Ape Project: Equality Beyond Humanity*. New York: St. Martin’s Griffin, 1993.

⁸ Para uma análise filosófica recente e versátil acerca da pessoalidade moral não-humana, veja: VARNER, Gary. *Personhood, Ethics, and Animal Cognition*. Situating Animals in Hare’s Two-Level Utilitarianism. Oxford: Oxford University Press, 2012.

ou quimeras que partilham de DNA humano e não-humano. Enquanto o filósofo Julian Savulescu avalia, em especial, a inaplicabilidade das propostas ético-filosóficas convencionais na resolução dos dilemas oriundos do desenvolvimento de não-humanos geneticamente modificados, o jurista Henry T. Greely examina alguns dos argumentos comumente apresentados contra a produção de quimeras humanas/não-humanas – mais especificamente, criaturas não-humanas com órgãos ou tecidos humanos. Talvez um breve apontamento seja bem-vindo aqui. As indagações levantadas por Savulescu e Greely, em seus respectivos ensaios, possivelmente seriam complementadas se essa seção também contasse com um texto sobre aprimoramento cognitivo de não-humanos⁹ (em inglês, ‘*cognitive animal enhancement*’) – um dos tópicos de reflexão científico-cultural mais populares hoje em dia¹⁰. Além de questionamentos atinentes à engenharia genética e biotecnologia, os demais artigos dessa seção abordam as limitações dos sistemas éticos tradicionais frente ao problema da preservação de espécies; a significância moral de determinadas espécies em detrimento de outras devido à sua proximidade/distância dos seres humanos; diferenças morais entre extinções resultantes de fenômenos naturais e extinções causadas pelo ser humano, entre outros assuntos.

A sexta e última parte do *The Oxford Handbook of Animal Ethics* é a mais longa e fascinante de toda a obra. Ela possui onze artigos que totalizam mais de duzentas e cinquenta páginas. Artigos esses que lidam com os mais diversos tópicos práticos da Ética Animal. Em realidade, não é difícil imaginar os motivos por detrás da extensão, bem como da escolha da temática dessa seção final. Ela simplesmente é um prolongamento natural e conclusivo de todas as outras cinco partes que a antecederam. Uma discussão das implicações materiais ou objetivas dos problemas teorizados nas seções anteriores não somente é enriquecedora, mas também necessária. Isso porque um aspecto basilar da Ética Animal é o seu caráter prático ou aplicável. A reflexão filosófica séria da condição moral dos membros das outras espécies animais e suas particularidades tem como intuito oferecer, por exemplo, novas formas de se perceber e enfrentar os dilemas cotidianos das relações entre humanos e não-humanos. Assim sendo, os textos da sexta parte da coletânea investigam assuntos tais como domesticação, vegetarianismo ético, experimentação biomédica e pesquisas toxicológicas em não-humanos, Ética Animal e literatura contemporânea, entre outros. Todavia, dois artigos sobressaem-se devido à sua versatilidade e originalidade.

O primeiro ensaio a ser ressaltado é “*The Moral Significance of Animal Pain and Animal Death*”. Neste, a filósofa Elizabeth Harman apresenta a primeira e mais importante crítica ao tratamento moral dispensado aos interesses dos não-humanos pela chamada ‘perspectiva dos interesses temporalizados’ (em inglês, ‘*time-relative*

⁹ O debate sobre o aprimoramento cognitivo de não-humanos ainda é academicamente bastante novo. Um dos poucos autores pesquisando essa questão é o bioeticista Gregor Wolbring. É possível encontrar alguns de seus comentários sobre a temática em: WOLBRING, Gregor. *The Politics of Ableism*. Development, n. 51, p. 252-258, 2008.

¹⁰ As possíveis implicações éticas do aprimoramento das capacidades cognitivo/psicológicas/linguísticas de não-humanos vêm sendo constantemente exploradas e discutidas em algumas produções cinematográficas muito aclamadas. Dois exemplos são os novos filmes da franquia de ficção-científica *Planet of the Apes*, “*Rise of the Planet of the Apes*” (dirigido por Rupert Wyatt, 2011) e “*Dawn of the Planet of the Apes*” (dirigido por Matt Reeves, 2014).

interests view) proposta por Jeff McMahan¹¹. Mais precisamente, Harman questiona a ideia de que os não-humanos, por possuírem conexões psicológicas mais fracas com si mesmos em tempos distintos, são menos prejudicados pela morte do que os seres humanos. O segundo ensaio destacável atende pelo título de “*The Ethics of Confining Animals: From Farms to Zoos to Human Homes*” e foi escrito pelo bioeticista David DeGrazia. O texto em voga examina como os diferentes tipos de confinamento podem prejudicar (ou não) os não-humanos. A minuciosa análise construída por DeGrazia é, de longe, uma das maiores contribuições para o atual debate sobre o interesse não-humano em liberdade¹². Em resumo, a sexta e última parte do *The Oxford Handbook of Animal Ethics* demonstra, entre outras coisas, o quão amplas são as possibilidades de discussão no campo da Ética Animal.

Para finalizar, uma observação de ordem financeira. *The Oxford Handbook of Animal Ethics* é um livro caro. Os valores da edição de capa dura (Hardcover), lançada originalmente em 2011, giram em torno de £115,00/U\$175,00. Felizmente, após uma longa espera, nos primeiros meses de 2014 foi enfim publicada a versão em brochura da obra (Paperback). Esta, por sua vez, goza de um preço consideravelmente menor, £35,00/U\$50,00. Embora possa ser uma compra dispendiosa, *The Oxford Handbook of Animal Ethics* vale cada centavo. Os altos valores são compensados pela aquisição de uma antologia tão multifacetada e vibrante que facilmente pode servir como fonte de problematização filosófica por anos a fio.

* * *

Referências

BEAUCHAMP, T. L.; FREY, R. G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Animal Ethics**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 984.

BEKOFF, Marc; MEANEY, C. A. (Eds.). **Encyclopedia of Animal Rights and Animal Welfare**. London: Fitzroy Dearborn Publishers, 1998.

CAMPBELL, G. L. (Ed.). **The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CAVALIERI, Paola; SINGER, Peter (Eds.). **The Great Ape Project: Equality Beyond Humanity**. New York: St. Martin's Griffin, 1993.

¹¹ A perspectiva dos interesses temporalizados desenvolvida por McMahan tem grande influência em publicações mais atuais sobre a consideração moral dos interesses dos não-humanos. Uma descrição aprofundada dessa perspectiva pode ser vista em: McMAHAN, Jeff. *A Ética no Ato de Matar*. Problemas às Margens da Vida. Porto Alegre: Artmed, 2011.

¹² Os animais não-humanos possuem um interesse intrínseco ou meramente instrumental em serem livres? Essa pergunta tem gerado imensa controvérsia entre pesquisadores da Ética Animal, pois ela possui implicações diretas sobre o debate acerca da obrigatoriedade moral da libertação não-humana. Para algumas das principais publicações sobre essa temática, veja: GRUEN, Lori (Ed.). *The Ethics of Captivity*. Oxford: Oxford University Press, 2014. Ou, também: COCHRANE, Alasdair. *Do Animals Have an Interest in Liberty?* *Political Studies*, v. 57, n. 3, p 660-679, 2009.

- CLARKE, P. A. B.; LINZEY, Andrew. (Eds.) **Political Theory & Animal Rights**. London: Pluto Press, 1990.
- COCHRANE, Alasdair. **Do Animals Have an Interest in Liberty?** *Political Studies*, v. 57, n. 3, p 660-679, 2009.
- GODLOVITCH, Stanley; GODLOVITCH, Roslind; HARRIS, John (Eds.). **Animals, Men and Morals: An Enquiry into the Maltreatment of Non-Humans**. London: Victor Gollancz Ltd, 1971.
- GRUEN, Lori (Ed.). **The Ethics of Captivity**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- HARDEN, Alastair. **Animals in the Classical World: Ethical Perspectives from Greek and Roman Texts**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.
- HOLTUG, Nils. Equality for Animals. In: RYBERG, J.; PETERSEN, T. S.; WOLF, C. (Eds.). **New Waves in Applied Ethics**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007, p. 1-24.
- HORTA, Oscar. **Igualitarismo, igualación a la baja, antropocentrismo y valor de la vida**. *Revista de Filosofía*, Madrid, v. 35, n. 1, p. 133-152, 2010.
- McMAHAN, Jeff. **A Ética no Ato de Matar: Problemas às Margens da Vida**. Tradução: Jônadas Techio. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- PATERSON, David; RYDER, R. D. (Eds.). **Animals' Rights: A Symposium**. Sussex: Centaur Press, 1979.
- ROWLANDS, Mark. **Contractarianism and animal rights**. *Journal of Applied Philosophy*, v. 14, n. 3, p. 235-247, 1997.
- STEINER, Gary. **Anthropocentrism and its Discontents: The Moral Status of Animals in the History of Western Philosophy**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2005.
- VARNER, Gary. **Personhood, Ethics, and Animal Cognition**. Situating Animals in Hare's Two-Level Utilitarianism. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- WOLBRING, Gregor. **The Politics of Ableism**. *Development*, n. 51, p. 252-258, 2008.